

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Psicologia

Raisca da Conceição Pereira

“Somos por que somos”
Contribuições ancestrais para a psicologia

Porto Alegre
2022

Raisca da Conceição Pereira

“Somos por que somos”
Contribuições ancestrais para a psicologia

Trabalho apresentado como requisito parcial
à obtenção do título de graduação em
Psicologia do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre
2022

Raisca da Conceição Pereira

“Somos porque somos”
Contribuições ancestrais para a psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharela em Psicologia do Instituto de
Psicologia da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Aprovada em: Porto Alegre, 7 de outubro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Luis Artur Costa - Orientador
Departamento de Psicologia Social e Institucional (UFRGS)

Andressa Moraes - Comentadora
Psicóloga / Instituto Estrela Preta

“Dedico esse trabalho a todas pessoas pretas
que, assim como eu, apostam nos encontros
como sentido de existência dentro e fora da
universidade!”

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro e maior obrigada dedico à ancestralidade. Por confiarem plenamente no futuro.

Agradeço imensamente à minha família, que fizeram de mim quem eu sou e jamais deixaram de nutrir a minha potencialidade. À minha mãe, Maria da Graça, pelo exemplo de vida, parceria, dedicação e cuidado incansável pela realização dos nossos sonhos. Ao meu pai, Zilmar (em memória), pela referência e investimento, nosso ancestral mais presente e que deixou aprendizados a cada encontro que tivera em vida.

Às minhas irmãs, Natasha e Valeska, que são positivamente relevantes nos caminhos que trilhei até hoje, sendo referências de irmandade, sempre aprendendo e ensinando umas com as outras.

À minha sobrinha, Pérola, que desde o nascimento passou a dar outros sentidos às nossas vidas. Seu jeito doce e espontâneo de criança me faz continuar acreditando nos afetos como potência principal para sabermos um pouco mais sobre nós mesmos.

À minha parceira e companheira, Jaqueline, que esteve comigo proporcionando um lugar seguro e amoroso em todos os momentos, obrigada pela sensibilidade e amor.

Agradeço aos meus demais familiares, por cada encontro, conversa, ainda que simples, mas que puderam me auxiliar nos movimentos da minha vida. Muito obrigada por torcerem por mim.

Agradeço a Universidade Federal e aos encontros proporcionados por ela. Ao professor Luis Artur pela orientação com tanta generosidade e sensibilidade que a mim foram tão importantes nesse difícil momento.

À Ana Paula, irmã que a ancestralidade me trouxe. Nossa parceria nesses anos foi imprescindível para que eu pudesse chegar nesse momento aqui. Sentimos todo esse processo juntas e só foi possível por que assim estávamos. Poder nos ver, me fortaleceu e transformou.

À Daniela, que foi fonte de companheirismo e persistência. Construímos uma amizade baseada no compartilhamento, e foi extremamente importante para seguirmos caminhando. Obrigada por ser e confiar escuta a mim.

Aos colegas negros e negras de dentro e fora da universidade que conversei, cruzei pelos corredores, escutei, ri, chorei, estudei junto, admirei, troquei. Esses encontros foram base para minha formação.

Por fim, mas não menos importante, meu muito obrigada a todas as pessoas que confiaram suas experiências de vida à minha escuta durante essa trajetória. Nenhum sentido seria construído sem esses momento!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discorrer acerca de possibilidades de modos de vida em coletividade, a partir de cosmovisões de alguns povos africanos e indígenas. Farei um diálogo entre visões que propõem que a colaboração entre as pessoas são apostas importantes para o bem viver em comunidade. De acordo com a filosofia Ubuntu, precisamos uns dos outros para otimizar nosso bem viver físico e mental. Ubuntu é conexão! Ubuntu como uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica. O intuito do trabalho é fomentar a discussão sobre outros caminhos possíveis de construção de uma agência, que de acordo com o filósofo estadunidense Molefi Kete Asante é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana. Quais são estes recursos? Quais são estes elementos que, na prática, dispomos de tecnologias ancestrais para organizarmos nossa vida, fazer a manutenção de relações, construir princípios éticos? De que forma os modos de vida, com base na coletividade contribuem para bem viver? Este trabalho não pretende responder objetivamente estas questões, mas busca colaborar no compartilhamento de mecanismos e movimentos de vida que são tão ricos, e que temos tanto a aprender e ensinar. Colaborar de certa forma para a ampliação dos saberes na prática da psicologia e a forma como ela pode ser pensada. Entendendo que ela não é estática e única, e que uma única via atribuída a todas as pessoas, poderiam promover uma despotencialização ao invés do inverso. Como é possível desconsiderar outros pontos de partida e concepções outras que não tem sintonia com as metodologias que estudamos?

Palavras-chave: Ubuntu; Modos de vida; Coletividade; Comunidade; Agência;

Sumário

1 Introdução.....	02
2 Desenvolvimento.....	06
2.1 Ubuntu.....	06
3 Encontros com o ofício de artesanar encontros.....	11
3.1 Encontro com o seguro no desconhecido.....	12
3.2 Afroconto: por que só falamos de racismo?.....	14
3.3 Então, isso é fazer psicologia?.....	16
3.4 O encontro com o ofício.....	18
4 Contribuições de ubuntu para a psicologia.....	20
5 Considerações finais.....	23
6 Referências Bibliográficas.....	24

1 INTRODUÇÃO

Durante os primeiros semestres de graduação, lembro de ouvir alguns professores sobre a tal caixa de ferramentas que nós estudantes iríamos construir ao longo do curso. Foi uma trajetória longa até compreender de fato o que tudo aquilo significava. De início entendi que fosse algo material, que iríamos construir e levar para a vida profissional. Depois entendi que falavam a respeito dos conceitos e metodologias que iríamos aprender, tendo eles como sustentadores de toda e qualquer intervenção que iríamos realizar na prática. Mas entendi também, que para além dos conceitos, a caixa de ferramentas também falava de dispositivos emocionais que iremos dispor para as experiências em saúde mental. Me apropriando da ideia, fui colocando os materiais necessários, um a um, dentro da maleta simbólica que me seria útil no decorrer do caminho. Quando e como eu iria utilizá-los, não havia como saber. Para mim, a atuação na psicologia tem um pouco disso, dessa necessidade por estar disposta em lidar com o inesperado que vem do outro, da construção que é possível fazermos a partir do que levamos conosco, e do próprio não saber. O que se relaciona diretamente também com a minha trajetória no curso.

Cheguei com as outras ferramentas, que eram minhas e que talvez ali não coubessem usar, mas que no decorrer dos caminhos, fui encontrando pessoas que dispunham de outros materiais que se faziam complementares aos meus, ainda que não fossem iguais. Descobri também que o que trazia de fora, era tão útil - quiçá mais - do que adquiri dentro. Digo isso, porque quando ingressei na universidade, como a maioria dos estudantes negros e negras, me deparei com um mundo muito diferente do que eu já havia tido contato, me deparei com um mundo que tinha outras ferramentas para enxergar a forma de viver e outras lógicas para se relacionar. Aos poucos fui entendendo que era preciso se adaptar. E não me adequar. Não foi preciso me adequar, pois ao longo do caminho fui entendendo que nem todas as práticas que aprendemos no curso eram válidas a todas as pessoas, e que existiam outras perspectivas fora dali que não eram exploradas e contempladas. Mas que isso não diminuiria a importância de poder utilizar outros recursos que não estivessem na grade curricular. Estas experiências de vida, estratégias, modos de

ver e de viver, foram dando forma à profissional que estou me formando - ainda que seja um título meramente social.

Foram muitos os momentos marcantes que me fizeram chegar até este trabalho, mas alguns me marcaram de forma mais forte. Costumo dizer que depois que fui contadora de histórias pela primeira vez, tive a certeza de que em algum momento da minha vida voltaria a soltar palavras por aí. Contar histórias é compartilhar, é dar outros sentidos, narrativas diferentes para uma mesma situação. É também poder registrar a experiência, buscando na comunicação formas de marcar caminhos e manter a experiência viva.

Apesar de não ter sido o melhor momento do curso para mim, participar do Afroconto, me revelou um novo olhar para o imaginário, para a criação, e de como era possível que um grupo de crianças pudessem fazer tantos movimentos juntos. Este era um braço do projeto de extensão do CRDH/NUPSEX da UFRGS, onde tínhamos como proposta a contação de histórias para crianças, no sentido de inserir em seus repertórios narrativas de personagens negros que se afastavam de fatos de violência e/ou discriminação. A intenção era positivar esses imaginários e auxiliar na construção subjetiva daquelas e daqueles que nos ouviam. Ali, me deparei pela primeira vez com a natureza potente de transformação que os trabalhos coletivos podem fazer. Me deparei de forma consciente, visto que certamente na minha vida já teria sido salva muitas vezes por outros e outras que estavam ao meu lado.

Bem como as mulheres participantes de um grupo que compus no projeto de extensão Clínica Feminista (UFRGS), do qual fui escutadora em parceria com uma colega psicóloga, também do coletivo. Foi através das falas de mulheres que haviam sofrido algum tipo de violência de gênero, que pude levantar a questão desse escrito. Elas diziam frases, em primeiros encontros do grupo, que me chamavam atenção: “minha semana anterior foi bem ruim por não ter tido o grupo” ou “só de estar aqui com vocês eu me sinto melhor” além de “saber que outras pessoas sentem o mesmo que eu, me faz sentir que sou digna”. Essas falas me marcaram, eu saía dos encontros com a sensação de que não havíamos feito tantas intervenções para que promovesse tais transformações na vida das escutadas. Mas o poder de estarem em grupo, numa “comunidade” estabelecida, ainda que remotamente, nos faz supor que encontravam possibilidades de abertura para a diferença da outra, um olhar mais sensível para si mesmas e estratégias para lidar

com as feridas. Em geral, estratégias de vida, em um lugar em que chegavam por fuga da morte e violência!

Vivemos em um mundo de concepções político-culturais hegemônicas, que por vezes não permite que possamos explorar outras possibilidades de conhecimento para o cuidado de si e dos outros além dos que já estão pré estabelecidos e podem não contemplar a todas as pessoas. Sabemos que o colonialismo foi um acontecimento histórico importante para tais condições atuais, porém a lógica hierarquizante sempre esteve presente, considerando que há uma forma certa e errada de ser e fazer, a dicotomia do mal e do bem, entre outros pontos. Mas a questão é que, embora tenhamos sido forjados nesse fundamento, existem dimensões éticas e ancestrais em que essa lógica não se sustenta e que são anteriores a esses processos.

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico (NASCIMENTO, 2002). Bem como as sociedades quilombolas, existem outras culturas que tem como base a coletividade, e dinâmicas de colaboração mútua, entendendo que o bem viver tem relação com integração, conexão consigo mesmo e com outros.

Este trabalho tem como objetivo discorrer acerca de possibilidades de modos de vida em coletividade, a partir de cosmovisões de alguns povos africanos e indígenas. Farei um diálogo entre visões que propõem que a colaboração entre as pessoas são apostas importantes para o bem viver em comunidade. De acordo com a filosofia Ubuntu, precisamos uns dos outros para otimizar nosso bem viver físico e mental. Ubuntu é conexão! Ubuntu como uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica (NOGUERA, 2012).

Após as experiências ao longo da formação, me despertou a curiosidade em escutar sobre estas questões que nos escapavam em sala de aula, mas que se faziam tão presentes na minha permanência na graduação. A partir disso, considero importante resgatarmos outras perspectivas éticas que possam contemplar outros modos de viver. O intuito não é desconsiderar as perspectivas já bastante

exploradas dentro e fora do universo da psicologia, mas fomentar a discussão sobre outros caminhos possíveis de construção de uma agência, que de acordo com o cientista e filósofo estadunidense Molefi Kete Asante (2009) é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana. Quais são estes recursos? Quais são estes elementos que, na prática, dispomos de tecnologias ancestrais para organizarmos nossa vida, fazer a manutenção de relações, construir princípios éticos? De que forma os modos de vida, com base na coletividade contribuem para bem viver?

Este trabalho não pretende responder objetivamente estas questões, mas busca colaborar no compartilhamento de mecanismos e movimentos de vida que são tão ricos, e que temos tanto a aprender e ensinar.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 UBUNTU

*“Se você se sentir insignificante, é melhor pensar novamente
Melhor acordar porque você é parte de algo muito maior
Você é parte de algo muito maior
Eu serei as raízes, você será a árvore
Passo adiante o fruto que me foi dado
Legado, ah, somos parte de algo muito maior”
(Beyoncé - Bigger)*

A forma como atuamos no mundo tem relação direta com princípios éticos que aprendemos desde a nossa concepção. Por ética podemos entender como as perspectivas que se dão a partir dos conjuntos de valores morais que absorvemos do grupo em que estamos inseridos desde o nascimento. Em razão disso, somos forjados a partir do contexto que vivemos, das relações que construímos, das noções de vida que nos são apresentadas. É nesse emaranhado que somos constituídos.

Há muitas maneiras de ser e existir no mundo. Ainda que tenham algumas mais hegemônicas que outras. As relações de poder estabeleceram um modo predominante de nos relacionarmos com a vida. A colonização designou normativas que promovem exclusões, extermínios e explorações de um povo em detrimento do outro. Estabeleceu como referencial aspectos culturais mais voltados para o Ser como centralidade, fomentando uma lógica de dominação em nas relações humanas, sejam elas num sentido macro ou micro. Entretanto, algumas culturas/sociedades se mantiveram com suas tradições e modo de vivenciar o cotidiano de forma ativa, ainda que inconscientemente, ensinamentos que foram transferidos de geração em geração permanecem sólidos nos detalhes das tramas relacionais. Fundamentos de povos originários e sociedades africanas, por exemplo, se diferem dos ocidentais na forma de enxergar indivíduo e comunidade:

A noção de comunidade que se afirma nos modos de vida e no pensamento das sociedades tradicionais africanas é bem distinta do modo de afirmá-la no Ocidente moderno, sobretudo quando pensada por um viés liberal. Enquanto no último, tal noção aparece quase sempre dicotomizada em relação à percepção de individualidade, nas primeiras ocorre um fenômeno inverso: há uma radical contiguidade entre o que seja a comunidade e o que seja o indivíduo-sujeito-pessoa: não há pessoas sem comunidade e não há comunidade sem pessoas. (NASCIMENTO, 2020, p. 41).

De acordo com Mogobe B. Ramose (2010) “a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo”. O filósofo sul-africano baseia-se, com esta afirmação, na ética Ubuntu, sendo um das muitas composições das filosofias africanas. Não sabemos ao certo qual é a origem exata dessa filosofia, porém a maioria dos autores indica uma origem bantu, sendo uma língua compartilhada por povos que possuíam o mesmo tronco linguístico e que hoje compreendem regiões da África Subsaariana como Angola, Congo, Gabão e Cabinda. Embora sejam povos muito distintos, algumas semelhanças de bases culturais puderam ser identificadas, bem como o Ubuntu. O termo Ubuntu foi bastante difundido no pós-apartheid na África do Sul, em 1994, por ativistas e personalidades políticas como Nelson Mandela e Desmond Tutu, por exemplo, ambos sendo consagrados com um Nobel da Paz pela luta com o apartheid.

Após quase cinco décadas de segregação racial apoiada pela legislação, o processo de construção da África do Sul no pós-apartheid exigia igualdade universal, respeito pelos direitos humanos, valores e diferenças. Desta forma, a ideia de ubuntu estava diretamente ligada à história da luta contra o regime que excluía a cidadania e os direitos dos negros. [colocar a referência]

Nesse contexto, Ubuntu se fez importante em contraponto ao colonialismo e aos regimes separatistas, podendo se aliar a reivindicações democráticas como na África do Sul. Foi um potente dispositivo para o resgate da humanização da população sul-africana e conexão social após anos de violências. Isto nos revela as diferentes interpretações e posições as quais essa filosofia pode assumir. Segundo Dju e Muraro (2022), o pensamento africano nesse sentido, seria de grande valia para regimes democráticos, considerando essa perspectiva de que não é necessário excluir ou eliminar os desiguais para possibilitar viver. Desse modo, fazer existir democracias em que intolerâncias e discriminações não sejam o produto do jogo de forças das relações.

De acordo com Nogueira (2012), para além do continente africano, é importante considerar a ética Ubuntu em contextos afrodiaspóricos:

Entendo por afrodiáspora, as bases racistas, os processos históricos e as implicações da escravização impetrada por árabes e europeus de povos negro-africanos a partir do século VIII¹, as migrações forçadas de povos negro-africanos na condição de pessoas escravizadas inicialmente para o próprio continente europeu e, em seguida, para

colônias europeias entre os séculos IX e XIX, além das relações entre elites europeias e classes dirigentes africanas, com a cumplicidade de setores dessas elites africanas, foram estabelecidas relações assimétricas que foram decisivas no estabelecimento do modelo europeu de Estado-Nação e subdesenvolvimento dos países africanos no cenário mundial.(NOGUERA, 2012)

No Brasil, o quilombismo se mostrou próximo às concepções da filosofia Ubuntu. Como estratégia de enfrentamento à colonialidade, os quilombos foram (e são) fontes de fortalecimento comunitário, em que as bases éticas compreendem uma manutenção da comunidade em prol dela mesma. Além da característica de solidariedade mútua em que todos colaboraram, sendo membros internos ou apoiadores, o fator da abertura para o outro possibilita uma riqueza intercultural para construção de diálogos e estratégias.

A filosofia Ubuntu é a quinta categoria básica da Filosofia Africana, sendo as outras quatro: muntu, kintu, hantu e kuntu. Estas categorias, estariam condensadas em um mesmo grupo, pois têm como similaridade a visão para o Ser. Parte de um entendimento de que o movimento é o princípio do ser, entendido como “ser-sendo” (RAMOSE, 2002), onde tudo está expresso em uma totalidade. No sentido filosófico da etimologia da palavra, Ramose (2002) propõe que o termo possa ser entendido de forma fragmentada, em que uma palavra se originaria da composição de duas: ubu e ntu. Ubu tem relação com o campo do geral, é o aspecto do ser-sendo em que poderíamos pensar esse todo, o que é manifestado de forma concreta e ampliada e que é estabelecido por vários particulares. Enquanto Ntu, diz respeito à forma mais particular do ser-sendo, agindo com e nesse movimento mais ampliado, de formas variadas e inconstantes. Para o autor, “ubu- está sempre orientado em direção a -ntu” (RAMOSE, 2002, p.2), isto é, o campo geral exerce influência nos particulares e os diferentes campos particulares são o fluxo de movimento deste primeiro. Em um sentido ontológico, estes campos seriam indissociáveis, pois estão em movimento e transformação constante, um em relação ao outro. É esse aspecto que caracteriza a filosofia Ubuntu, este movimento interdependente de tudo que possui energia vital. E é nele que os indivíduos encontram seu sustento físico, mental, afetivo e espiritual.

Logo, Ubuntu é um modelo, uma filosofia. Pode ser compreendido como um modo de vida, em que a base da experiência é unidade de todas as coisas, em que

os vivos, os ancestrais, os não-nascidos e a natureza estão em dinâmica no que diz respeito ao funcionamento da vida. É um fluxo que se interconecta através de objetivos em comum, ao passo que podemos chamar de propósito. Quando se entende as múltiplas responsabilidades nesse sistema de interdependência, é possível que não consideremos a ideia de centralidade e individualismo. Em uma comunidade onde todos conseguem reconhecer suas implicações nas existências da totalidade, se institui relações de partilha e cooperação mais fortes. Alguns autores trazem que Ubuntu se aproxima de um conceito de humanidade, onde fundamenta as existências, e nos revela a importância de cada indivíduo nas interações humanas. Sendo uma filosofia afroperspectivista, é um olhar potente para a valorização da alteridade, não sendo limitante por si mesma, dando sentido para o movimento e as dissonâncias da vida, excluindo o caráter de idealização e aproximando da ideia de humanidade. Pois a diferença é a potencialidade das relações, e é nela que as construções acontecem. Considerar ubuntu, é fazer um resgate e nomear uma forma de viver que nunca se perdeu na prática.

Com o passar dos anos, a utilização do termo Ubuntu se popularizou no ocidente trazendo algumas traduções e interpretações que podem levantar certas discordâncias. “Eu sou porque somos”, é a forma mais comum de tradução que escutamos para esta filosofia. Nesse sentido, o indivíduo se constituiria a partir de outros, demarcando a noção de que o individual e coletivo estão desassociados. Esta tradução é bastante utilizada para embasar discursos que se expressam enquanto igualitários, colaborativos, humanitários e empáticos. De maneira geral, a ideia é que o Eu estaria em relação ao outro, e vice versa. Um pensamento que considera a coletividade como um “Eu + outros”, alicerçado a conceitos individualistas em que há esse distanciamento de quem somos e quem os outros são. Porém, no sentido do pensamento africano em Ubuntu, não há possibilidade desses aspectos estarem desconectados.

Saraiva (2019) faz objeção a esta tradução, discorrendo sobre a impossibilidade da existência de um Eu contida nela. Por si só Ubuntu compreende conexão. Tudo que é existente no universo estaria em relação, não sendo possível estipular uma ordem de importância ou primazia para algo. O autor nos coloca a refletir sobre a anterioridade de um Eu nesta frase, sendo que “não há uma única só referência em que se apresente a noção do “Eu” Ocidental que é tão importante para

o Ocidente” (SARAIVA, 2019, p. 99). Com isso, podemos entender que não se trata de existir a partir de, e sim de uma coexistência com tudo que implica uma coletividade, isto é, tudo que é necessário para a vida acontecer está interconectado. São aspectos relacionados à linguística, mas que têm forte influência na interpretação do termo e na sua aplicabilidade - se assim conseguimos considerar.

Cada pessoa é a representatividade de uma parte da humanidade, que, em sua totalidade, habita nela. Além disso, Ubuntu remete ao movimento que precede a existência, novamente uma existência anterior ao eu, é uma dinâmica de interfaces da própria existência. Logo, tudo que é existe faz parte da humanidade. (SARAIVA, 2019, p. 99)

Esse aspecto nos faz refletir a respeito de como esses sentidos contribuem para pensamentos tão recorrentes na sociedade atual de meritocracia, de conquistas individuais como objetivos de liberdade, num contexto do capitalismo. A crítica que o autor faz da utilização da frase, ganha importância para pensarmos na banalidade e visão estereotipada que podemos ter dessa filosofia. Pensar um sentido compartilhado da experiência é promover um encontro que seja vigoroso e possibilite criação. Ubuntu não compreende, nem garante uma harmonia e ausência de conflitos não relações, e sim nos convida ao comprometimento com o contexto geral, compreendendo que somos parte fundamental desse fluxo de energia vital.

É possível que um dos pontos de dificuldade do ocidente em traduzir Ubuntu, seja justamente por não haver equivalência com os modos de operação dos indivíduos nesta lógica, entendendo que muitas vezes traduzir pode ser uma forma colonial de tentar encontrar significados de algo que não há correspondência.

3 ENCONTROS COM O OFÍCIO DE ARTESANAR ENCONTROS

*“Outro dia eu me vi perdido
Chorando por algo que outro alguém me causou
Em minha direção, veio um mano e disse
A gente nasce sozinho e morre sozinho
A gente nasce sozinho e morre sozinho
Eu não quis acreditar
Eu não quero acreditar
Eu não vou acreditar
Até aqui tudo foi por nós
É nós, é nós”
(Djonga - Nós)*

No contexto em que vivemos, as formas de trabalho se dão por meio de classificações, na maioria das vezes como profissões que estabelecem certa condição social aos indivíduos. Dessa forma, aprendemos quais são os protocolos a serem seguidos, de qual forma devemos desempenhar nosso trabalho. Não diferente, a formação em psicologia propõe tais pressupostos. Não podemos desconsiderar a importância destes protocolos, pois é através deles que garantimos os limites éticos, por exemplo. Porém, há o aspecto da experiência, que não se absorve por estes meios, e que se constrói através do exercício do conhecimento, na prática em si. É no encontro com o ofício que nos deparamos com o que escapa aos protocolos, o que nos leva a um caminho de encontrar brechas para escutar as singularidades.

3.1 Encontro com o seguro no desconhecido

Depois de muito assistir vídeos na internet sobre “como é a faculdade de psicologia?”, “quais são as linhas de atuação mais seguidas?”, “o que faz um psicólogo?” finalmente chegaria minha vez de pisar naquele famoso Instituto de Psicologia UFRGS.

Absolutamente tudo muito novo. Absolutamente. Novo, novíssimo. Eu nunca tinha pisado em uma universidade. Nunca tinha estado num lugar com pessoas tão diferentes.

Conteúdos mil, sobre coisas que eu nunca havia escutado antes.

Quis fugir, tive muito medo...

Uma ocupação se atravessou no meu primeiro semestre!

Ufa! Talvez tenha ficado aliviada de ter um tempo afastada da sala de aula para elaborar toda novidade que estava me invadindo.

Fui provocada por um convite para frequentar a ocupação pelo menos um dia. Esse convite me levou para lugares, pessoas, experiências, mas principalmente para um encontro com o conhecido.

Lá eu me aproximei, ainda que com muito receio, de pessoas que se pareciam comigo. Nos seus jeitos, nas suas origens, na sua forma de ver o mundo.

Eles e elas já não pareciam ter tanto medo assim.

Fiquei atenta, para perceber como é que eu faria pra perder o meu também.

O sentimento de pertencimento tem relação com a sensação de ser/estar acolhido e reconhecido pelo contexto em que nos encontramos. É importante quando conseguimos estabelecer estas relações a fim de ter confiança e abertura. Os primeiros encontros da graduação com outras pessoas pretas, possibilitaram descobertas de uma realidade possível, de uma existência possível dentro da universidade, para além da elaboração de estratégias de resistência. Estávamos todos em um espaço que tínhamos dificuldades em se identificar, desse modo, buscar referências era primordial para a permanência ali.

Encontrar em discursos de outras pessoas, espaços de reconhecimento para que pudesse julgar legítima minha experiência, fizeram do meu percurso um pouco mais facilitado. À medida que estávamos desterritorializados à chegada na universidade, esses encontros com outras pessoas pretas permitiram restabelecer novos territórios na qual a psicologia pôde se inscrever sem que houvesse um apagamento das histórias trazidas conosco. De certa forma, aprendemos a “jogar o jogo” da universidade sem que da nossa história precisássemos abdicar.

A possibilidade de existência no contexto acadêmico, tem relação direta com as tramas de relacionamento que construímos. E por existência penso sobre este meio em que as vulnerabilidades e fortalezas podem transparecer, construindo um ambiente seguro. Nesses espaços tão cheios de disputas e individualidades, construir afetividades que acompanhem durante esse percurso, é estratégia vital. Dessa maneira, conseguimos construir espaços (não somente físicos) de acolhimento para outros e outras que dividem esse trajeto, mas também para deixar pistas de resistência aos que virão. Além disso, outras orientações podem ser construídas para o fazer da psicologia aprendido na universidade, somando ou partindo das nossas vivências e referenciais.

3.2. Afroconto: por que só falamos de racismo?

"Temos que falar de racismo".

Essa frase era constantemente escutada em sala de aula, principalmente em cadeiras que estavam mais inclinadas a pensar o social. Em meus pensamentos surgiam as resistências:

"Mas eu não quero isso, não foi pra isso que parei nesse lugar".

Era um incômodo constante. Ao mesmo tempo que me aproximava da temática, tinha ali um espaço de identificação e troca com outros colegas, me distanciava do conforto de estar nos ambientes acadêmicos.

Lembro da convocação para a contação de histórias ser algo amedrontador. Além de não ter habilidades com crianças, senti que não estava preparada para possíveis questionamentos e emoções que daqueles encontros poderiam surgir.

Mal podia imaginar, que eram justamente as crianças e o encontro com o inesperado que me fariam amar essa ação.

Histórias muito simples, muito lúdicas, fofas, engraçadas, criativas. As crianças amavam.

Mas gostavam muito mais da nossa ida, das brincadeiras, de ter alguém diferente para contar histórias. Isso, as histórias que nós contávamos, faziam com que eles contassem as deles também. Em tão pouco tempo, pudemos ver semelhanças com crianças que jamais tínhamos conhecido antes.

A contação de histórias tem disso.

Vai abrindo espaço para possibilidades de criação a cada vez que alguém escuta ela.

E reconta, e cria novamente.

Talvez essa seja a mágica.

Nessa trajetória na universidade nos deparamos com muito mais do mesmo. Todas as violências e estigmas que nos acompanham durante a vida surgem lá também. Mas algo marcante foi poder descobrir novas perspectivas da própria história. Poder inverter o olhar e encontrar ali características que são comuns a todas as pessoas. Encontrar humanidade em si é libertador!

Tenho como recordação algumas histórias que eram contadas para as crianças, como se assim elas fossem contadas a mim mesma. Lembro de uma das histórias, do Chico Juba, um menino negro que a cada página testava diferentes ingredientes para criar xampus. Ele nos leva para um universo de criança em que era possível explorar o imaginário através das mudanças no cabelo. Além do black power do personagem ser simbólico, o elemento inventivo que Chico utiliza, está presente também na experiência de contar histórias.

Contar uma história não é apenas transmitir uma informação, mas sim entrar em contato com as sensações de quem lê, de quem ouve, de quem lê-ouve. Quando alguém relata uma história traz consigo elementos próprios que a fazem ser única e original. São estes elementos que são capazes de criar novos horizontes e ir construindo novas narrativas. Em nossas práticas nas contações de história, tão pouco fazia diferença no conteúdo que elas traziam. Para as crianças, que são por natureza criativas e curiosas, sempre era uma oportunidade de construir um novo conhecimento a partir daquele que vinha do outro. As personagens ganham vida, e cada uma delas poderiam mudar completamente o rumo da história. As produções das crianças eram vivências, desejos de futuro. Tudo ali podia surgir, tudo ali tinha potencial de criação e de vida.

Quando conseguimos encontrar referências que estabelecem agências e não apenas representatividade, temos mais espaço para ampliar possibilidades para o nosso viver. Apostamos na confiança em nós mesmos e na rede que temos.

Desse modo, essa experiência permitiu compreender que são a partir dos encontros que nos reconhecemos e passamos a saber um pouco mais sobre nós mesmos. E é exatamente por meio de formas de narrar que podemos compreender a nós mesmos e aos outros, cultivando assim narrativas de vida que culminem na construção de realidades onde somos plenamente acolhidos e reconhecidos.

3.3. Então, isso é fazer psicologia?

Eu queria poder me aventurar. Afinal de contas é esse o sentido que o trabalho com pessoas nos proporciona, não é?

Embora o currículo demarque o período exato de iniciar estágios e poder realizar atendimentos, a psicologia se fez presente o tempo inteiro, em cada segundo. Ainda não sabia disso, mas a cada exercício, conseguíamos unir elementos que no final comporiam uma psicóloga.

Psicóloga? Será?

Em meio a diversas inseguranças, vieram os vários questionamentos. Muitas coisas passaram a fazer sentido, em tempos que milhares de outras não faziam nenhum. Até que percebi que melhor do que buscar respostas é procurar as perguntas.

À medida que o curso foi se direcionando para os semestres de prática, as inseguranças em relação ao fazer da psicologia tomaram conta de mim. As metodologias aprendidas em sala de aula, pareciam não fazer tanto sentido quando imaginava transpor para prática. Embora houvesse diferentes abordagens teóricas da psicologia, a maioria delas tinham questões em comum, como a centralidade dos sujeitos por exemplo. Questões de marcos de desenvolvimento, formações familiares, tudo parecia muito estático e com muitas certezas.

Em dado momento da graduação, fui escutadora em um grupo de mulheres em um dos projetos da universidade. Tal experiência me trouxe mais questões do que propriamente respostas. E foram justamente essas questões que me trouxeram aprendizado. Me lembro de ficar surpresa com a vinculação rápida que as mulheres do grupo tiveram, principalmente por ser um encontro virtual que era ainda menos provável. Porém, começaram a surgir questões que revelavam a importância daquele estado coletivo. Ali a coletividade era importante, no sentido de poder proporcionar identificações, acolhimento, pertencimento, reconhecimento. Distante de narrativas únicas, essas mulheres puderam compartilhar experiências com outras que de semelhante só tinham o histórico de violência e sofrimento. E era na diferença em que podiam desenvolver outras formas de lidar com a dor. Foi neste momento que relacionei aos meus passos anteriores na universidade, onde eu também pude experimentar a importância de um grupo em que através do reconhecimento construímos possibilidade de vida.

3.4. O encontro com o ofício

Descobri que gostava disso. Mesmo tendo milhares de críticas, meu corpo não deixa mentir.

Ele sente, ele sabe. E há respostas, elas surgem, de outros corpos.

Decidi que não me faria presa a nomenclaturas, nem a expectativas, nem mesmo a limitações.

Outro dia escutei que nunca saberemos o resultado de nossas intervenções nas outras pessoas. Que não saberemos se fará sentido ou não aos outros.

Mas algo certo é que: saberemos quando fará sentido para nós.

Depois que me deparei com as indagações e os possíveis caminhos que poderia seguir, consegui entender o significado de minhas escolhas. Quando iniciamos uma graduação, em geral temos ideias de senso comum, que aos poucos vão se dissolvendo e se tornando outras coisas. À medida que vamos entendendo de fato como funciona a atuação de uma psicóloga, podemos nos aproximar ainda mais ou nos afastar. No meu processo tem sido importante “descortinar” a psicologia, no sentido poder olhar a beleza do ofício por outras perspectivas epistemológicas, entendendo elementos que estão no campo da experiência, nos permite sentir com o corpo inteiro os acontecimentos, e ainda reinventar a nossa maneira uma forma de ser e fazer. Gosto de relacionar com aspectos da infância, em que os fatos eram inteiramente experimentados por todos os sentidos de forma plena.

Olhar o ofício da psicologia por essa perspectiva, nos permite entender que não é apenas o concreto e a racionalidade que entra no jogo das práticas de cuidado. Estar atento para a totalidade do ser, é de extrema importância para que possamos sentir por outros ângulos o que podemos nos dizer.

4 CONTRIBUIÇÕES DE UBUNTU PARA A PSICOLOGIA

*“Herdamos laços que nos fazem nós
 Nosso sonhar, resiste
 Se somos, sou
 Resiste
 Se somos, sou
 Persiste
 Desatar nós, ouvir a nossa voz
 Se somos, sou”
 (Drik Barbosa - Sobre Nós)*

Tendo em vista os marcos do encontro de sentido da psicologia na trajetória acadêmica de uma estudante negra através de trechos-contos, conseguimos realizar algumas reflexões acerca da contribuição do pensamento africano para a prática e conhecimento da psicologia.

Há uma enorme importância em podermos observar a nossa experiência de vida a partir de concepções que nos façam sentido. Deste modo, o desconforto que se apresenta aos estudantes negros na universidade, se daria a partir de um descompasso da sua vivência e das concepções trazidas durante os estudos. Sendo a psicologia uma ciência que se propõe a pensar comportamento e relações humanas, é relevante considerarmos diferentes modos de vida a partir de lugares que sejam de referência para nós. Nesse sentido, devemos entender de onde partem os fundamentos referenciais da nossa experiência de vida.

“Compreende-se por Afrocentricidade o conceito que diz que os povos africanos precisam reorganizar sua localização frente ao mundo. Essa localização deve estar pautada na sua própria perspectiva de mundo, alicerçada pela reconstrução de uma “agência” que os faça protagonistas de sua própria história, buscando referenciais identitários nas identidades africanas, em todas as situações – ser agente sujeito da sua própria existência e não às margens dos sistemas eurocêtricos de localização.”
 (Ribeiro, ANO, p.20)

A discussão que proponho, é de que possamos recorrer a pluriversalidade no sentido de conseguir olhar para a nossa experiência a partir de um ângulo que melhor nos supere. Esses aspectos são interessantes para entendermos que é possível que se busque recursos próprios para a resolução de nossas questões.

A ética Ubuntu é de grande valia para pensarmos práticas de cuidado. Um cuidado coletivo compreende diferentes fatores externos atrelados. Conhecer a

nossa história, por exemplo, pode nos contribuir efetivamente para essas questões. De acordo com Saraiva (2019) é necessário saber que já há uma história que nos antecede, nos fazendo saber que a partir do momento em que entendemos como as comunidades são feitas, nos ajuda a saber quem somos. Assim, quando a psicologia apresenta discussões relacionadas a temáticas como autoconhecimento, autopercepção, podemos considerar a partir da ética Ubuntu, que entender a si mesmo não está desassociado de entender o lugar de onde partimos e os coletivos com os quais nos tramamos. No ocidente, esse autoconhecimento está relacionado a cuidados individualizantes, que desconsidera construções coletivas anteriores. Sem comunidade, não há práticas de cuidado.

Isso não significa que Ubuntu desconsidere o campo do pessoal, mas compreende que ele por si só não faz sentido. São a partir dessas tramas relacionais que o campo pessoal vai se constituindo.

O ser é estado de relação, não sendo possível olhar para uma prática de cuidado de forma estável. Logo, estamos em constante movimento, e sendo agente de transformação na totalidade também.

Outro aspecto interessante de podermos atribuir Ubuntu à pensar práticas de cuidado, é essa retirada da centralidade de um único indivíduo, tendo como consequência uma lógica de responsabilização em detrimento à culpabilização. Isto é, indivíduos que entendem seu papel como fundamental na existência de uma comunidade, são capazes de se relacionar a partir de uma responsabilidade com suas ações, relações, propósitos. Essa ética poderia contribuir com interações que estivessem com senso de culpa, egoísmo, inveja em níveis menores ou inexistentes. À medida que compreendemos nossa importância dentro dessa ciclicidade, temos agência para manter nossas forças vitais, enquanto comunidade.

“A comunidade e o indivíduo se constituem. A comunidade é o alicerce do pensamento e da vida dos africanos. Isso não quer dizer que o indivíduo se anule na comunidade ou renuncie a si, em prol da comunidade, mas que tudo o que fizer à comunidade, volta para si: se provocar o mal à comunidade, provoca-o a si mesmo; se buscar o bem para a comunidade, busca-o para si mesmo, beneficia-se a si mesmo. Aqui está a origem do pensamento africano, isto é, da filosofia africana.” (DJU e MURARO, 2022, p. 10)

Ubuntu é uma ética que propõe alguns paradigmas sobre nossa forma de se relacionar com a vida. Bem como outros modelos, não é necessariamente fácil de ser aplicada. Apenas busca se expressar como um modo de vida que foge às dominações, e enxerga as relações como uma construção em si mesmas, a partir da valorização pela alteridade como possibilidade de ampliação de saberes, e não sobreposições. Não pretende uma interação livre de discordâncias e desarmonias. Segundo Noguera (2012, p.148) a desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. Esse olhar, em que essas relações estão em constante desenvolvimento e movimento, aproxima a nós e aos outros da humanização. Ubuntu aprecia o apoio mútuo e cooperativo, em vias de compreender que somos seres coletivos, e que é na coletividade que somos capazes de ser.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que quando passamos por algum lugar, deixamos algo de nós nele. Nesse sentido foi a elaboração deste trabalho. Ainda que sua conclusão não esteja de acordo com o que foi desejado e gestado, nele mesmo é possível expressar a trajetória acadêmica. Neste escrito, tinha como proposta aliar conhecimentos ancestrais à formação a qual escolhi. Ubuntu é uma filosofia de vida, uma prática muito poderosa para pensarmos nossas formas de ser e estar no mundo. E nos perguntar: o quanto estamos apossados de nossa agência?

Aqui não tenho como objetivo buscar um reconhecimento do pensamento africano pela psicologia ocidental, nem mesmo definir o espaço da universidade como essencial e favorável a todas as pessoas. Mas sim, colaborar de certa forma para a ampliação dos saberes na prática da psicologia e a forma como ela pode ser pensada. Entendendo que ela não é estática e única, e que uma única via atribuída a todas as pessoas, poderiam promover uma despotencialização ao invés do inverso. Como é possível desconsiderar outros pontos de partida e concepções outras que não tem sintonia com as metodologias que estudamos?

Neste texto, gostaria apenas de poder compartilhar alguns sentimentos e reverberações que estes seis anos de graduação, atravessados por muitos movimentos, puderam contribuir para construção desse fazer na psicologia. Há tantos outros elementos significativos do pensamento africano que estiveram longe de serem abordados aqui (e que é bem possível nem mesmo fazer sentido tentar aproximações). Porém, assim como Ubuntu, que propõe um ser/estar coletivo, esse trabalho é a continuação de outros e seguirá sendo escrito a muitas outras mãos, sem necessidade de abarcar o todo sozinha.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁFRICA, P. D. DA. Ubuntu: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência. Disponível em: <<https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BARBOSA, D. Sobre Nós. São Paulo: Laboratório Fantasma. 2020

BEYONCÉ. Bigger. The Lion King: The Gift. 2022

BRASIL, B. N. Ubuntu: o que significa essa filosofia africana e como pode nos ajudar nos desafios do hoje. Youtube: Canal BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KaQSIvWV7wo&list=PLDA1OGCU6Rz0KvRAJEsMrxE52183SeRkK&index=4&t=151s>>. Acesso em: 09 jul. 2022.

CARMO, A. C. O. Quilombo como um conceito em movimento ou quilombismo e ubuntu: práticas ancestrais africanas para repensar práticas pedagógicas e de justiça. Problemata: R. Intern. Fil. V. 11. n. 2, p. 41-56, 2020.

DAIBERT, R. A religião dos bantos: novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 28, n. 55, p. 7–25, jun. 2015.

DJONGA. Nós. São Paulo: Ceia Ent. 2021

DJU, A. O; MURARO, D. N. Ubuntu como modo de vida: contribuição da filosofia africana para pensar a democracia. Trans/Form/Ação, v. 45, p. 239-264, 2022.

NEGRA, G. I. DA M. Ubuntu: A filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

NEGREIROS, R. C. A. T. Ubuntu: Considerações acerca de uma filosofia Africana em contraposição a tradicional filosofia ocidental. Problemata: R. Intern. Fil. V.10. p. 111-127, 2019.

NJERI, A. O QUE É UBUNTU? . Youtube: Canal Aza Njeri, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lwf_RFAI6Z4&list=PLDA1OGCU6Rz0KvRAJEsMrxE52183SeRkK&index=8>. Acesso em: 09 jul. 2022.

NOGUERA, R. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. Revista da ABPN, p. 147-150, 2011.

RAMOSE, M. B. A ética do ubuntu. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.

RIBEIRO, K. Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia Africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03. 2017. Tese (Mestrado) Pós-graduação em Filosofia e Ensino, CEFET, Rio de Janeiro, 2017.

SARAIVA, L. A. F. O que e quem não é ubuntu: crítica ao “eu” dentro da filosofia ubuntu. *Problemata: R. Intern. Fil.* V. 10. n. 2. p. 93-110, 2019.